

CARTAS DA PRISÃO DE

NELSON MANDELA



EDITADO POR
Sahm Venter

PREFÁCIO DE Zamaswazi
Dlamini-Mandela

Cartas da prisão de
Nelson Mandela

edição
Sahm Venter

prefácio
Zamaswazi Dlamini-Mandela

tradução
José Geraldo Couto

[Prefácio](#)

[Introdução](#)

[Uma nota sobre as cartas](#)

[Os números de Nelson Mandela na prisão](#)

[Prisão Local de Pretória
novembro de 1962 — maio de 1963](#)

[Prisão de Segurança Máxima de Robben Island
maio de 1963 — junho de 1963](#)

[Prisão de Segurança Máxima de Robben Island
junho de 1964 — março de 1982](#)

[Prisão de Segurança Máxima de Pollsmoor
março de 1982 — Agosto de 1988](#)

[Tygerberg Hospital & Constantiaberg MediClinic
agosto de 1988 — dezembro de 1988](#)

[Prisão Victor Verster
dezembro de 1988 — fevereiro de 1990](#)

[Informações suplementares](#)

[Apêndice a: Glossário](#)

[Apêndice b: Cronologia na prisão](#)

[Apêndice c: Mapa da África do Sul c. 1996](#)

[Notas](#)

[Cartas e coleções](#)

[Agradecimentos](#)

[Agradecimentos — autorizações](#)

[Termos para busca](#)

[Créditos](#)

Prefácio

Zamaswazi Dlamini-Mandela

Quando eu nasci, meu avô já estava na prisão havia dezessete anos. Numa carta à minha avó, Winnie Madikizela-Mandela, escrita logo depois que ele completou sessenta e dois anos, ele lista as pessoas que lhe mandaram telegramas e cartões, incluindo minha tia Zindzi, minha irmã Zaziwe e eu, e as pessoas de quem ele tinha a expectativa e a esperança de receber notícias. “Até agora não recebi nem sequer uma das muitíssimas mensagens que amigos enviaram do mundo todo”, ele brinca. “Mesmo assim, é muito reconfortante saber que tantos amigos ainda pensam em nós depois de tantos anos.” É um dos muitos exemplos neste livro que mostram como a comunicação com o mundo exterior o amparou ao longo de seus vinte e sete anos na prisão, e quanto ele ansiava por essas cartas.

Durante seu encarceramento, meu avô escreveu muitas centenas de cartas. A seleção que aparece neste livro familiariza os leitores não apenas com o Nelson Mandela ativista e preso político, mas com o Nelson Mandela advogado, pai, marido, tio e amigo, e ilustra como seu longo encarceramento, ao afastá-lo da vida cotidiana, era um obstáculo ao cumprimento desses seus papéis. Estas cartas revisitam um período sombrio na história da África do Sul, no qual aqueles que eram pegos contestando o sistema de opressão de toda uma raça de pessoas pelo sistema de governo do apartheid sofriam punições terríveis. Através destas cartas ele documenta a contínua perseguição à minha avó e proporciona uma percepção do que deve ter significado para seus filhos, Thembi, Makgatho, Makaziwe, Zenani e Zindzi, ter um pai ausente com o qual eles mal podiam se comunicar e que nem mesmo — e isto eu acho intolerável — podiam visitar antes de completar dezesseis anos. Por mais que tentasse desempenhar seu papel como pai de seus filhos desde a prisão, ele não podia.

O que me tocou em particular, especialmente na condição de mãe, foi atestar através das cartas de meu avô o que minha mãe e minha tia Zindzi sofreram quando crianças. Com frequência elas ficavam órfãs de pai e mãe quando minha avó era presa também, às vezes por conta de seu próprio envolvimento em atividades antiapartheid, mas frequentemente por ser a esposa de um dos mais conhecidos presos políticos da África do Sul.

O mais comovente é o otimismo melancólico em muitas cartas a minha avó e

a seus filhos nas quais meu avô sugere: “Quem sabe um dia nós vamos...”, e “Um dia havemos de...”. Esse dia do “felizes para sempre” nunca chegou para os meus avós, minha mãe, minhas tias e tios. Os filhos foram os que mais sofreram, e no final as consequências de abrir mão de uma vida familiar estável em favor de seus ideais foram um sacrifício com o qual meu avô teve de acertar contas.

Meu avô sempre nos lembrava de que não devíamos esquecer nosso passado ou de onde viemos. A sociedade democrática pela qual lutaram meu avô e seus camaradas foi conquistada depois de muito sofrimento e perda de vidas. Este livro é um lembrete de que poderíamos facilmente voltar àquele lugar de ódio, mas mostra também que a resiliência pode sobrepujar situações insuportáveis. Desde seu primeiro dia na prisão, meu avô decidiu que não cederia nem hesitaria; em vez disso, insistiu para que ele e seus companheiros de cárcere fossem tratados com dignidade. Numa carta a minha avó em 1969, ele recomenda que ela fortaleça o espírito lendo o best-seller de 1952 do psicólogo Norman Vincent Peale, *O poder do pensamento positivo*. Ele escreve:

Não dou importância alguma aos aspectos metafísicos dos argumentos dele, mas considero valiosas suas visões sobre temas físicos & psicológicos.

Ele defende a ideia básica de que o que importa não é tanto a atribuição que a pessoa sofre, mas sua atitude diante dela. O homem que diz vou vencer esta enfermidade e viver uma vida feliz já percorreu metade do caminho até a vitória.

Essa perspectiva inspiradora amparou a inquebrantável busca de meu avô por justiça e por uma sociedade igualitária para todos os sul-africanos, e creio que ela possa ser aplicada a muitos dos desafios da vida.

Esta compilação respondeu a muitas das perguntas que costumavam me desconcertar: Como meu avô sobreviveu a vinte e sete anos na cadeia? O que o fez seguir em frente? Nas palavras dele podemos encontrar as respostas.

Introdução

Uma grande quantidade de regras draconianas regendo a escrita de cartas por presos políticos sul-africanos e sua implementação aleatória por guardas de visão mesquinha foram concebidas para controlar os aspectos mais preciosos da alma de um prisioneiro — seu contato com os entes queridos e notícias do mundo exterior.¹

Depois que os presos políticos recebiam sua sentença no tribunal, eram encaminhados à prisão onde deveriam cumprir pena. No caso de Nelson Mandela, sua vida como prisioneiro condenado começou na Prisão Local de Pretória depois que ele recebeu uma sentença de cinco anos em 7 de novembro de 1962 por ter deixado o país sem passaporte e incitado trabalhadores a fazer greve. Já como prisioneiro, ele foi levado de volta ao tribunal sob a acusação de sabotagem em 1963, e em 12 de junho de 1964 recebeu uma sentença de prisão perpétua. Sua esposa, Winnie Mandela, visitou-o em Pretória naquele dia, e horas depois, sem aviso prévio, Mandela e seis dos sete companheiros sentenciados com ele foram levados de Pretória para um longo voo em avião militar à famigerada prisão de Robben Island. Chegaram lá no frio cortante de uma manhã de inverno, em 13 de junho de 1964. Diferentemente de detentos que tinham cometido “crimes comuns” como estupro, roubo e assalto, que ao chegar recebiam a classificação Grau C e às vezes Grau B, os presos políticos eram designados ao Grau D, a classificação mais baixa possível, com menos privilégios. Só tinham permissão para receber uma visita a cada seis meses e para escrever e receber apenas uma carta de quinhentas palavras no mesmo período. Era tão imprevisível o processo de mandar e receber cartas que, seis anos depois de ter sido preso, Mandela se encontrou com seus advogados em Robben Island e listou exemplos de “despropositada e vexatória conduta das autoridades”. Disse que as barreiras a sua correspondência “indicam uma intenção e uma diretriz deliberadas, por parte das autoridades, para me apartar e isolar de todo contato exterior, para me frustrar e abater, para me fazer cair no desespero e perder toda esperança e por fim me vergar”.²

Mais tarde, quando os censores cansaram de contar palavras, passaram a aceitar cartas de uma página e meia.³ Cartas a advogados e a autoridades carcerárias não faziam parte dessa cota. Sábados e domingos eram destinados a

visitas, e as cartas eram entregues num sábado. Os prisioneiros podiam abrir mão de uma visita em troca do recebimento de duas cartas. Inicialmente, tanto as visitas como a correspondência tinham de ser com “parentes de primeiro grau”. Era proibido aos prisioneiros mencionar outros presos em suas cartas ou escrever sobre condições da prisão ou qualquer coisa que as autoridades pudessem interpretar como “política”.⁴ Todas as cartas passavam pelo Gabinete do Censor em Robben Island, onde a correspondência que chegava e que saía era inspecionada.⁵ Décadas mais tarde, Mandela recordou:

Eles não queriam que discutíssemos coisas que não fossem assuntos familiares e especialmente quando essas coisas eram consideradas por eles de natureza política. E essa era a razão pela qual tínhamos de nos restringir meramente a assuntos familiares. E havia também uma ignorância quanto à linguagem. Se você usasse a palavra “guerra”, não importava em que contexto, eles diziam “Corte fora”, porque não entendiam muito bem a língua. E guerra é guerra; não pode ter outro sentido. Se você dissesse “a guerra de ideias”, significava que tinha dito algo que não deveria dizer.⁶

Em seu livro sobre os quinze anos que passou como prisioneiro em Robben Island, no mesmo setor de Mandela, Eddie Daniels traça um retrato da “frustração” da censura arbitrária, incompetente e “vingativa” e da retenção de cartas.⁷

As condições começaram a melhorar em 1967, presumivelmente devido à intervenção de Helen Suzman — uma parlamentar de oposição a quem Mandela relatou um “reino de terror” na ilha. O Comitê Internacional da Cruz Vermelha e os esforços dos próprios prisioneiros também contribuíram para essas mudanças. Eles passaram então a ter permissão para escrever e receber uma carta a cada três meses e a receber visitas com a mesma periodicidade.⁸

Um prisioneiro deveria permanecer numa categoria de privilégios por dois anos, o que significava que depois de seis anos um prisioneiro de Grau D poderia estar no Grau A, com mais privilégios. Mandela, porém, permaneceu no Grau D por dez anos. Podemos ver por suas cartas, nas quais ele às vezes inscrevia seu grau (os prisioneiros também se referiam a ele como um “grupo”), que ele estava no Grau B em 1972 e que finalmente recebeu uma classificação Grau A em 1973, passando a ter permissão para escrever e receber seis cartas por mês.⁹

Antes de ser promovido a um grau superior, um prisioneiro precisava ter seu comportamento avaliado pelo comitê prisional, que realizava com os detentos

discussões que Mandela dizia terem o propósito de “atormentar” presos políticos.¹⁰

Apesar da incansável censura por parte dos burocratas, o prisioneiro Nelson Mandela tornou-se um correspondente prolífico. Ele copiava suas cartas em cadernos de capa dura para ajudá-lo a reescrevê-las quando os censores se recusavam a enviá-las se ele não suprimisse certos parágrafos, ou quando elas se extraviavam no caminho. Ele também gostava de manter um registro do que havia dito a cada pessoa. Encarcerado de 5 de agosto de 1962 a 11 de fevereiro de 1990, escreveu centenas de cartas. Nem todas, porém, chegaram a seu destino inteiras. Algumas foram censuradas a ponto de se tornar ilegíveis, outras foram retardadas sem nenhuma razão, e algumas não chegaram sequer a ser enviadas. Algumas ele conseguiu introduzir clandestinamente nos pertences de prisioneiros que estavam sendo libertados.

Os prisioneiros raramente eram informados quando uma carta deixava de ser enviada e geralmente só descobriam isso se um destinatário se queixava de não ter recebido uma carta. Não se sabe, por exemplo, se as cartas que ele escreveu a Adelaide Tambo sob o disfarce de vários apelidos chegaram até ela em Londres, onde estava morando no exílio com seu marido, Oliver Tambo, presidente do Congresso Nacional Africano (CNA) e antigo colega de Mandela no curso de direito. As cartas provavelmente se destinavam aos dois. O que sabemos pelo companheiro de prisão Michael Dingake é que Mandela havia “reivindicado o direito de se corresponder com O. R. Tambo e trocar opiniões sobre a luta de libertação”.¹¹

Pai de cinco filhos pequenos quando foi levado à prisão pela primeira vez, Mandela só tinha permissão de vê-los depois que completassem dezesseis anos. As cartas se tornaram um instrumento vital para sua atuação paterna.

Numa carta oficial de queixa às autoridades, quando já estava preso havia doze anos, Mandela escreveu: “Às vezes eu gostaria que a ciência pudesse inventar milagres e fazer minha filha receber seus cartões de aniversário perdidos e ter o prazer de saber que seu pai a ama, pensa nela e faz todo o esforço para entrar em contato com ela sempre que necessário. É significativo que repetidas tentativas da parte dela de se comunicar comigo e as fotos que ela mandou tenham desaparecido sem deixar traço algum”.

As cartas mais dolorosas de Mandela são as da série “Cartas especiais” acrescentadas à sua cota, escritas após a morte de sua amada mãe, Nosekeni, em 1968, e de seu primogênito, Thembi, um ano depois. Impedido de comparecer aos funerais deles, ele foi reduzido a consolar por escrito seus filhos e outros membros da família naquele momento excruciante e a agradecer dessa mesma

maneira familiares mais velhos por terem se prestado a garantir que sua mãe e seu filho tivessem as despedidas que mereciam.

Advogado por profissão, Mandela habitualmente usava cartas para pressionar as autoridades a assegurar os direitos humanos dos presos, e em pelo menos duas ocasiões ele escreveu a autoridades reivindicando que libertassem ele e seus camaradas.

Dingake descreveu o papel de Mandela na prisão a partir do início dos anos 1960 como o de um “aríete”.¹² Em face de condições “atrozes”, ele não podia ser ignorado, “não apenas por causa de seu status, mas porque ‘não permitia que o fizessem’”.¹³ Sua incansável militância pelos direitos dos presos acabaria por derrubar a determinação das autoridades de que cada prisioneiro apresentasse suas queixas individualmente.¹⁴ Mandela “continuou, de modo desafiador, a descrever as condições gerais” em suas cartas ao comissário de prisões, e o restante dos presos começou a apresentar queixas pessoais “em todas as oportunidades”. Era “impossível” para os guardas, escreve Dingake, registrar as “queixas de cada um dos mais de mil detentos”.¹⁵ A regra foi “abolida na prática” e indivíduos ou grupos de cada seção da prisão ganharam permissão para falar em nome de todos os prisioneiros.¹⁶

Durante suas discussões e em cartas a representantes do governo no fim dos anos 1980, Mandela fez pressão pela libertação de seus camaradas. Veja-se por exemplo suas cartas ao comissário de prisões datadas de 11 de setembro de 1989 (página 567) e 10 de outubro de 1989 (página 578). Os esforços de Mandela finalmente renderam frutos quando os cinco homens remanescentes condenados com ele à prisão perpétua foram libertados em 15 de outubro de 1989. (Denis Goldberg tinha sido libertado em 1985 e Govan Mbeki em 1987.) Ele próprio saiu da prisão menos de quatro meses depois.

Nelson Mandela nos deixou um rico arquivo de cartas documentando seus vinte e sete anos na prisão, que ecoam sua fúria, seu autocontrole e seu amor pela família e pelo país.

Uma nota sobre as cartas

As cartas da prisão de Nelson Mandela não estão abrigadas sob um único teto, e fazer a compilação para este livro tomou quase dez anos. As cartas reunidas aqui foram extraídas de várias coleções: os arquivos prisionais de Mandela guardados no Serviço Nacional de Arquivos e Registros da África do Sul, a Coleção Himan Bernadt e os acervos de Meyer de Waal, Morabo Morojele, Fatima Meer, Michael Dingake, Amina Cachalia, Peter Wellman e Ray Carter. Vieram cartas também da Coleção Donald Card, assim batizada em referência ao policial de segurança pública que em 2004 devolveu a Mandela os cadernos de capa dura em que ele copiava suas cartas antes de entregá-las para postagem. Tanto a Coleção Himan Bernadt como a Coleção Donald Card são mantidas pela Fundação Nelson Mandela. Os cadernos foram tirados de sua cela em 1971, e ele se queixa disso numa carta a autoridades em 4 de abril de 1971. Para uma lista de onde as cartas individuais estão guardadas, ver capítulo *Cartas e coleções*.

O Serviço Nacional de Arquivos e Registros da África do Sul abriga, de longe, a maior parte das cartas do cárcere de Nelson Mandela. Enfeixadas junto com outros papéis oficiais em maços amarrados com barbante e inseridos em pastas de papelão, elas ocupam 59 caixas. As cartas representam o registro do Departamento de Prisões da correspondência que ele escreveu e recebeu. Em alguns casos os originais permanecem como evidência de que elas nunca foram enviadas.

Como muitas dessas cartas são cópias das originais, sua legibilidade depende do modo como foram fotocopiadas, do papel usado e de como a tinta desbotou com o tempo. Algumas cartas perderam palavras que estavam nas margens e ficaram de fora durante o processo de fotocópia por agentes prisionais ou foram cortadas do papel pela censura. No caso de algumas das cartas, nunca saberemos exatamente o que Mandela escreveu.

Pungentemente, uma longa e amorosa carta a sua filha caçula, Zindziswa, ainda dobrada com cuidado dentro de seu envelope branco, foi encontrada em seus arquivos prisionais dezenove anos depois que ele saiu da prisão. Estava acompanhada por um bilhete de um agente prisional dizendo que Mandela não teve permissão para mandar uma carta com um cartão de Natal. Escrita em 9 de dezembro de 1979, é um lindo gesto de um pai tentando se aproximar da filha de quem sentia falta. Ela deveria recebê-la a tempo para o seu aniversário de

dezenove anos, do pai que ela perdera quando era um bebê de vinte meses. Assim era o controle cruel e arbitrário da correspondência.

As cartas nessa seleção foram reproduzidas na íntegra, com exceção de vários casos em que omitimos informações em favor da privacidade. Para evitar repetições, também omitimos o endereço de Mandela de quase todas as cartas — o livro é dividido em seções referentes às quatro diferentes prisões e aos dois diferentes hospitais em que ele ficou internado.

Reproduzimos o texto exatamente como Mandela o escreveu, à parte a correção de um ou outro nome ou palavra com grafia errada (que são, em geral, casos muito raros), muito ocasionalmente acrescentando ou eliminando sinais de pontuação para facilitar a leitura, ou eliminando sobrescritos em números que aparecem nas datas. Mantivemos seus vários estilos de escrever datas e também suas abreviações. Não é possível saber ao certo por que ele muitas vezes escrevia “yr” em vez de “year” (ano) e “chdn” em vez de “children”, mas pode ter sido para manter as cartas dentro do limite estabelecido de uma página e meia depois que os censores pararam de contar o número de palavras. Quando mencionava livros, Mandela geralmente grafava seus títulos entre aspas. Nos casos em que não o fez, deixamos esses títulos em itálico de acordo com convenções editoriais.^[1] Mandela frequentemente usava colchetes em vez de parênteses. No entanto, com o intuito de evitar a confusão de seu texto original com interpolações editoriais, substituímos seus colchetes por parênteses, a menos que haja um aviso em contrário.

Mantivemos a sublinha que aparece sob certas palavras ou passagens em algumas cartas. Geralmente eram linhas riscadas por censores desconfiados de indivíduos ou eventos citados nas cartas. Às vezes Mandela sublinhava trechos. Indicamos onde o sublinhado parece ser trabalho dos censores, onde parece ser do próprio Mandela e onde é difícil saber. Mandela frequentemente escrevia cartas em africâner e em isiXhosa, a língua que ele cresceu falando, e indicamos quais dessas cartas foram traduzidas para inclusão nesta publicação. Algumas cartas foram também datilografadas por agentes prisionais, e indicamos igualmente esses casos.

Mandela assinava suas cartas de diferentes maneiras, dependendo de quem era o destinatário. Na correspondência oficial ele incluía sua assinatura “NR Mandela”, com o “R” representando seu prenome original, Rolihlahla. Em cartas a sua esposa, Winnie Mandela, e a certos membros da família ele com frequência assinava como Dalibunga, o nome que recebeu depois de se submeter à tradicional iniciação à masculinidade, aos dezesseis anos. Para outros ele é Nelson ou Nel, o nome que lhe foi dado em sua primeira escola por sua professora, srta. Mdingane, de acordo com o costume da época segundo o qual

crianças africanas recebiam nomes ingleses. Para seus filhos ele é Tata, “pai” em isiXhosa, e para seus netos é Khulu, “vovô” em isiXhosa.

Não foi possível identificar todos os indivíduos mencionados, mas, quando disponíveis, detalhes esclarecedores sobre indivíduos, locais e eventos citados nas cartas foram incluídos nas notas de rodapé. Um extenso glossário no final do livro inclui informações adicionais sobre muitos dos indivíduos e eventos aludidos por Mandela.

Para evitar que os leitores tenham que guardar na memória a legião de indivíduos a quem Mandela se refere, muitos dos quais são frequentemente conhecidos por mais de um nome, como Winnie Mandela, ou que são mencionados em cartas separadas entre si por muitos anos, tratamos cada carta em sua individualidade. Portanto, na primeira vez que um indivíduo é mencionado numa carta, incluímos uma nota de rodapé explicando quem é ele ou ela, mesmo que a mesma referência apareça numa carta anterior ou posterior. Também adotamos essa abordagem em referência a eventos e lugares. Embora em alguns casos isso possa parecer repetitivo, decidimos que era o procedimento mais favorável ao leitor, particularmente ao leitor que optar por entrar e sair deste livro muitas vezes, como esperamos que você faça.

Os números de Nelson Mandela na prisão

Em vez de serem identificados por seu nome, os presos recebiam números prisionais pelos quais eram, de início, sempre referidos e os quais eles precisavam usar em qualquer correspondência. A primeira parte do número era baseada no número de prisioneiros admitidos a uma prisão específica naquele ano; a segunda parte exprimia o ano. O número prisional mais conhecido de Nelson Mandela é 466/64. Anos depois de ter sido solto, num concerto na Cidade do Cabo para lançar uma campanha de conscientização quanto à aids, batizado com seu número prisional, ele disse: “Esperava-se que eu tivesse sido reduzido àquele número”.¹⁷

Mandela esteve em Robben Island duas vezes, o que implicou que ele recebesse dois diferentes números prisionais naquela prisão. Durante seus vinte e sete anos de cárcere, Mandela ficou detido em quatro prisões depois de ter sido condenado e recebeu seis números prisionais diferentes.

19476/62 Prisão Local de Pretória: 7 de novembro de 1962 — 25 de maio de 1963.

- 191/63 Robben Island: 27 de maio de 1963 — 12 de junho de 1963.
- 11657/63 Prisão Local de Pretória: 12 de junho de 1963 — 12 de junho de 1964.
- 466/64 Robben Island: 13 de junho de 1964 — 31 de março de 1982.
- 220/82 Prisão de Pollsmoor: 31 de março de 1982 — 12 de agosto de 1988.
Tygerberg Hospital: 12 de agosto de 1988 — 31 de agosto de 1988.
Constantiaberg MediClinic: 31 de agosto de 1988 — 7 de dezembro de 1988.
- 1335/88 Prisão Victor Verster: 7 de dezembro de 1988 — 11 de fevereiro de 1990.



Prisão Local de Pretória

NOVEMBRO DE 1962 — MAIO DE 1963

Por apenas seis meses em 1962, enquanto estava viajando clandestinamente fora da África do Sul, por países africanos e por Londres, no Reino Unido, Mandela levou a vida de um homem livre, que não estava submetido às regras do apartheid e podia se deslocar como quisesse. Na terça-feira, 11 de janeiro de 1962, ele deixou secretamente a África do Sul por via terrestre para excursionar por Estados africanos recém-independentes. Mandela foi solicitado pelas estruturas clandestinas de sua organização, o Congresso Nacional Africano (CNA), a falar numa conferência de nações africanas na Etiópia e também a viajar pelo continente levantando fundos e apoio para a luta que havia pela frente. Dois anos antes, em 1960, o CNA tinha sido declarado ilegal e um ano depois aceitara a inevitabilidade de uma luta armada para pressionar por direitos iguais e democracia na África do Sul. Em meados de 1961 a organização tinha decidido formar um braço armado, e assim nasceu o Umkhonto weSizwe (Lança da Nação). Também conhecido pela sigla MK, foi lançado com uma série de explosões de alvos estratégicos com a intenção de evitar perda de vidas.

Se esse conhecido oponente do regime do apartheid tivesse solicitado um passaporte, este lhe teria sido recusado. Além disso, ele era procurado pela polícia por prosseguir na clandestinidade com as atividades do ilegal CNA.

Mandela viajou sob o nome David Motsamayi, que ele tomara emprestado de um cliente de seu escritório de advocacia, e usou pelo menos um passaporte falso. A Etiópia havia fornecido um e, segundo consta, o Senegal forneceu outro.

A viagem levou-o a dezesseis países independentes africanos, e em dois deles, Marrocos e Etiópia, ele passou por treinamento militar. Num intervalo, visitou Londres por dez dias, onde se encontrou com velhos amigos e camaradas, incluindo Oliver Tambo e sua esposa, Adelaide. Tambo, que viria a se tornar presidente do CNA em 1967, depois da morte do chefe Albert Luthuli, tinha acompanhado Mandela em algumas de suas viagens pela África.

A liberdade de Mandela chegou ao fim numa tarde de domingo numa estrada interiorana perto de Howick, uma cidadezinha do leste da África do Sul. Era 5 de agosto de 1962. Ele e o colega ativista antiapartheid e diretor de teatro Cecil Williams estavam seguindo de carro para Joanesburgo. Mandela havia estado na região para informar o presidente do CNA, chefe Albert Luthuli,^[2] e outros a respeito de sua viagem. Uma refeição com amigos no dia anterior acabaria sendo a sua última celebração por quase três décadas.

Como parte de seu repertório de disfarces, Mandela frequentemente se passava pelo chofer de um homem branco. Naquele dia, porém, Williams estava ao volante de seu Austin quando o motorista de um Ford V8 ultrapassou-os de repente e mandou que parassem. Era a polícia. Vestido com um capote, um boné

e óculos escuros, Mandela negou ser de fato Nelson Mandela e insistiu que era David Motsamayi, mas eles tinham certeza de que haviam pegado seu homem, e ele também. Chegou a pensar em sair correndo, mas sabia que o jogo, por assim dizer, tinha terminado. Falando a respeito mais de trinta anos depois, Mandela disse: “Eu estava em ótima forma naquela época e poderia pular praticamente qualquer muro. Aí olhei para trás pelo retrovisor. Vi que havia dois carros atrás e senti que seria ridículo tentar escapar, eles atirariam em mim. Então paramos”.¹⁸

Os homens foram presos sumariamente e a polícia os conduziu uns quinze quilômetros para trás, a Pietermaritzburg, onde Mandela ficou detido aquela noite, comparecendo brevemente diante de um magistrado na manhã seguinte. Foi levado de carro a Joanesburgo e trancafiado na Prisão do Antigo Forte, preservada hoje como museu dentro da área da Corte Constitucional da África do Sul. Nos dez dias que se seguiram Mandela compareceu duas vezes no Tribunal de Primeira Instância de Joanesburgo e seu caso foi mandado de novo a julgamento em 15 de outubro. No sábado, 13 de outubro, ele foi informado de que seria transferido para a cidade de Pretória, onde, na segunda-feira, 15 de outubro, se apresentou na Velha Sinagoga, temporariamente transformada em “tribunal regional especial”, para seu julgamento. Sua aparição espantou o público na galeria e também as autoridades. Em torno dos ombros largos ele vestia um manto feito de múltiplas peles de chacal costuradas umas às outras num grande pedaço de tecido. O resto de seu traje incluía uma camiseta, calças cáqui, sandálias e um colar de contas amarelas e verdes. Queria ser visto como um africano numa sociedade desigual.¹⁹

O advogado Mandela, que, tendo passado pelo exame de admissão requerido pela Ordem dos Advogados em 1952, advogara em sua própria firma durante anos, defendeu a si próprio, com a assessoria do advogado Bob Hepple,^[3] que, ironicamente, iria se juntar a ele e a nove outras pessoas como réus num processo por sabotagem no ano seguinte. Mandela empregou a tática de falar a partir do banco dos réus, o que o liberava de testemunhar sob interrogatório cruzado. Em seu primeiro discurso ao tribunal, em 22 de outubro de 1962, ele pediu a interdição do magistrado, sr. W. A. van Helsdingen, dizendo que, na condição de homem negro, ele não teria um julgamento justo.²⁰ Depois de ouvir seu apelo, Van Helsdingen se recusou a deixar o posto.

Mandela recordou depois como no último dia do julgamento, 7 de novembro de 1962, o promotor, sr. D. J. Bosch, que ele conhecia de seus tempos de advogado, foi até a cela onde ele estava detido e pediu desculpas por ter de pedir sua condenação. “Então ele simplesmente me abraçou e me beijou nas duas faces, e disse: ‘Hoje eu não queria vir ao tribunal. Para mim, vir ao tribunal para

pedir que você seja condenado é algo que me transtorna’. Então eu lhe agradei.”²¹

Hepple saiu a contragosto do recinto enquanto eles conversavam, e mais tarde escreveu: “Quando Bosch saiu da cela, uns cinco minutos mais tarde, vi lágrimas descendo pelo seu rosto. Perguntei a Mandela: ‘Que diabo está acontecendo?’. Ele respondeu: ‘Você não vai acreditar, mas ele me pediu para perdoá-lo’. Exclamei: ‘Nel, espero que você tenha dito para ele se ferrar’. Para minha surpresa, Mandela respondeu: ‘Não, não fiz isso. Eu disse que sabia que ele só estava fazendo seu trabalho, e lhe agradei pelas palavras positivas”.²²

Em sua sentença, Van Helsing disse que estava claro que Mandela havia sido “o cérebro” por trás de uma greve em maio de 1961 contra os planos da África do Sul de abandonar sua filiação à Commonwealth (a comunidade britânica de nações) e tornar-se uma república.²³

Mandela fez outro longo discurso do banco dos réus depois de condenado sob as duas acusações, dizendo: “Qualquer que seja a sentença que me imponham, podem estar certos de que, quando eu acabar de cumpri-la, ainda me moverá a aversão à discriminação racial e retomarei a luta contra as injustiças até que elas sejam abolidas de uma vez por todas”.²⁴

Van Helsing qualificou o caso de “penoso e difícil” e declarou que as ações de Mandela deviam ser “reprimidas com mão forte”. Estava claro, sustentou, que o que Mandela na verdade estava tentando era “derrubar o governo”.²⁵

Depois de terminado o breve julgamento no qual ele não preparou outra defesa além de seus dois discursos, Mandela foi condenado a três anos de prisão sob a acusação de incitar uma greve e a dois anos adicionais por deixar o país sem um passaporte sul-africano. Ele estava com quarenta e quatro anos.

Imediatamente após ser sentenciado, Mandela teve seu status mudado de prisioneiro à espera de julgamento para o de condenado na mesma prisão. Ficou preso com Robert Mangaliso Sobukwe, um conferencista universitário e ex-companheiro de CNA que tinha liderado uma cisão no partido para fundar o Congresso Pan-Africano (CPA)²⁶, e vários outros membros dessa organização. Sobukwe e seus camaradas tinham sido condenados dois anos antes por seu envolvimento em um protesto contra a lei dos passes de locomoção no qual sessenta e nove manifestantes foram mortos a tiros pela polícia. O episódio ficou conhecido como Massacre de Sharpeville.

A primeira carta desta compilação é uma que Mandela escreveu, um dia antes de sua condenação e da promulgação de sua sentença, ao sr. Louis Blom-Cooper, um advogado britânico enviado pela organização então conhecida como Anistia

para observar o julgamento. Durante o processo, Mandela reivindicou pela segunda vez a interdição do magistrado depois que Blom-Cooper informou-o de que tinha visto Van Helsdingen saindo de carro do tribunal em companhia do instrutor do processo. Van Helsdingen rejeitou mais uma vez a petição, dizendo apenas que não havia mantido “comunicação com os dois detetives”.²⁷

Depois de sua soltura, Mandela descreveu Blom-Cooper como “tremendo”, e disse sobre o incidente: “Ele se comportou exatamente como um inglês, sabe, com aquele desejo deles de enfrentar tudo aquilo que parece errado. Enquanto eu estava inquirindo as testemunhas do Estado, o magistrado foi visto deixando o tribunal com um instrutor do processo, e Blom-Cooper preparou imediatamente uma declaração juramentada e foi até o oficial de registro para assiná-la diante do escrivão da Suprema Corte. E ele veio a mim com esse papel e disse: ‘Aqui está uma declaração juramentada’”.²⁸

Ao secretário, Anistia

6.11.62

Secretário Anistia
LONDRES

Caro senhor, Somos muito gratos a sua organização por ter enviado o sr. L. Blom Cooper para acompanhar o julgamento.

Sua mera presença, bem como a assistência que ele prestou, foi para nós uma fonte de tremenda inspiração e encorajamento.

O fato de ele se postar junto a nós proporcionou mais uma prova de que homens honestos e íntegros, e organizações democráticas espalhadas por todo o mundo civilizado, estão do nosso lado na luta por uma África do Sul democrática.

Por fim, devo pedir-lhe que aceite esta nota como um firme, caloroso e sincero aperto de mão de minha parte.

Atenciosamente, Nelson

6/11/62

FOR 19

Nelson Mandela
19476/62

The Secretary
Aunesty.
LONDON

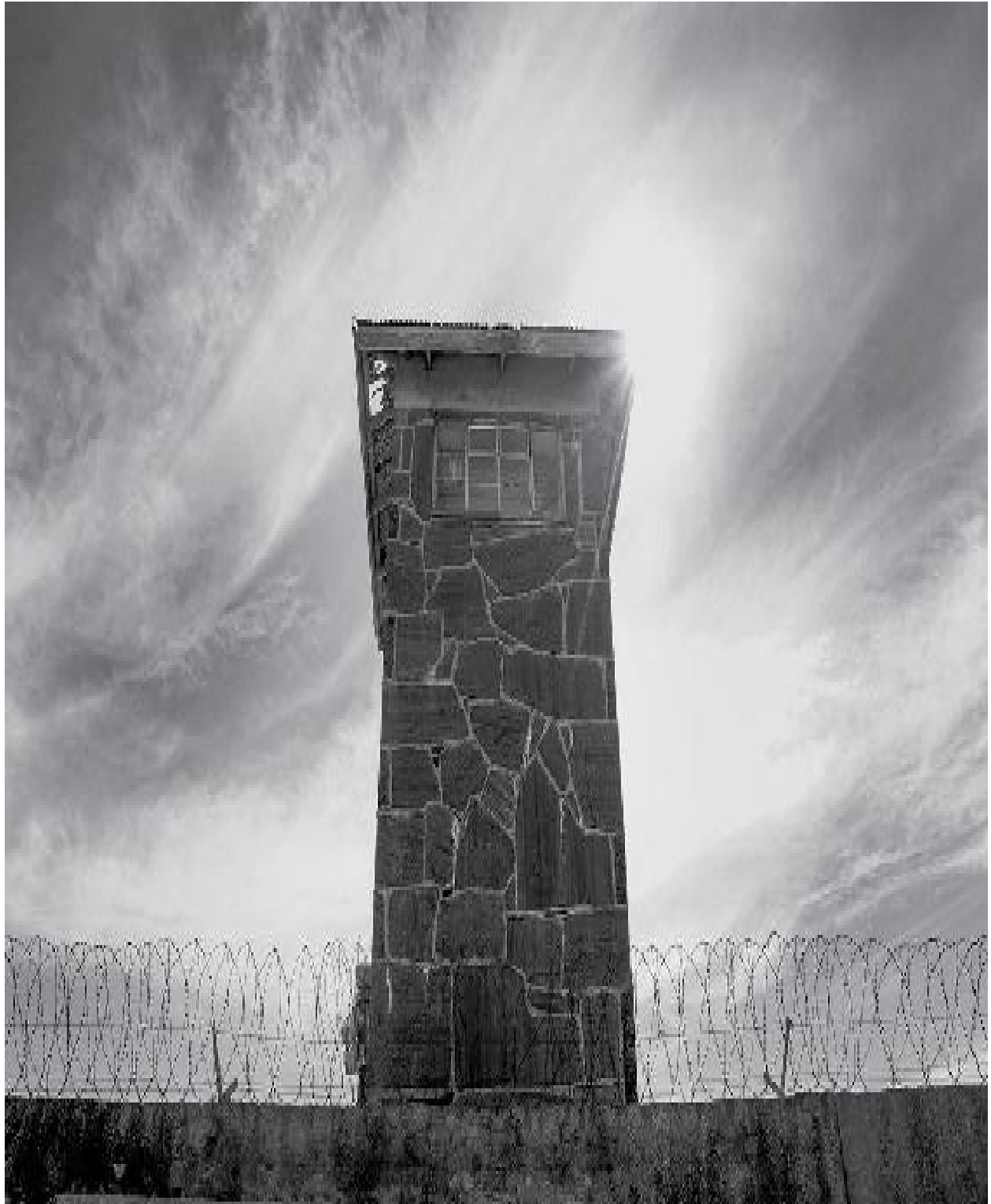
Dear Sir,

We are most grateful to your
organisation for receiving Mrs
L. Blom. back to attend the
trial.

His mere presence, as well as
the assistance he gave, were
source of tremendous inspiration
and encouragement to us.

The fact that he sat next to
us furnished yet another proof

Carta ao secretário da Anistia, escrita no dia anterior a sua condenação e sentença em novembro de 1962.



Prisão de Segurança Máxima de Robben Island

MAIO DE 1963 — JUNHO DE 1963

No fim de maio de 1963, Mandela foi levado inesperadamente de Pretória a Robben Island com três presos do Congresso Pan-Africano.

Espremidos na parte de trás de uma van da polícia, Mandela e os três outros rodaram durante um dia e meio até chegar à Cidade do Cabo, onde foram embarcados numa balsa. Chegaram à famigerada ilha em 27 de maio de 1963. Fazia um tempo sombrio, brutal e dolorosamente frio.

Os quatro homens foram conduzidos a uma cela e receberam ordem de se despir. Cada peça de roupa era revistada por guardas e depois jogada num chão molhado. Mandela começou a protestar e um guarda avançou ameaçadoramente em sua direção. O relato do incidente por Mandela tornou-se a marca registrada de seu relacionamento com as autoridades prisionais dali em diante. Ele não se intimidaria: “Então eu disse: ‘Se você se atrever a tocar em mim, vou levá-lo à mais alta corte deste país, e quando tivermos acertado as contas você estará tão desgraçado quanto um rato de igreja’. Aí ele parou. Eu não, eu estava amedrontado; não é que eu fosse corajoso, mas alguém tinha de mostrar uma fachada de coragem, e assim ele parou”.²⁹

Menos de três semanas depois, Mandela recebeu a ordem de arrumar suas coisas e foi transferido de volta a Pretória. Nunca recebeu uma explicação e mais tarde descartou a ideia de que o fato estivesse relacionado com o Julgamento de Rivonia, porque seus companheiros foram presos depois que ele tinha sido transferido — dois deles detidos em 24 de junho de 1963 em Soweto e o restante em 11 de julho de 1963.

De volta a Pretória

Mandela viu-se novamente nas celas da prisão de Pretória em junho de 1963, e em poucas semanas descobriu que seus companheiros militantes do MK Andrew Mlangeni e Elias Motsoaledi tinham sido presos ao retornar de uma viagem à China para treinamento militar. Uma manhã Mandela estava subindo às pressas as escadas para sua refeição matinal (em Pretória ele recebia a mesma comida que os prisioneiros brancos e contava os minutos para a hora das refeições) e viu um grupo de prisioneiros que reconheceu como trabalhadores da Fazenda Liliesleaf, que ele e seus camaradas tinham usado como esconderijo. “Aquilo estragou o meu apetite”, disse ele.³⁰

Ele descreve seu encontro com Thomas Mashifane, que tinha sido capataz na Fazenda Liliesleaf, em *Longo caminho para a liberdade*³¹: “Eu o cumprimentei

calorosamente, embora percebesse que as autoridades sem dúvida o tinham conduzido ao meu corredor para verificar se eu o reconhecia. Eu não podia agir de outro modo. Sua presença ali só podia significar uma coisa: as autoridades tinham descoberto Rivonia”.³²

O pior ainda estava por vir. Depois que eles tinham completado quase três meses de confinamento solitário, Mandela encontrou-se com um grupo de camaradas próximos. “Fui chamado à direção da prisão, onde encontrei Walter [Sisulu]; Govan Mbeki; Ahmed Kathrada; Andrew Mlangeni; Bob Hepple; Raymond Mhlaba, um membro do Alto-Comando do MK que havia retornado recentemente de treinamento na China; Elias Motsoaledi, também membro do MK; Denis Goldberg, um engenheiro e membro do Congresso dos Democratas (COD); Rusty Bernstein, arquiteto e também membro do COD; e Jimmy Kantor, um advogado⁴⁴... Éramos todos acusados de sabotagem e tínhamos que nos apresentar no tribunal no dia seguinte.”³³

Durante esse novo período, enquanto esperava julgamento, Mandela manteve um fluxo contínuo de correspondências com autoridades prisionais — um hábito que se tornou uma marca da sua vida no cárcere.

Mandela e dez de seus companheiros, incluindo Bob Hepple, apresentaram-se no Palácio da Justiça, um tribunal em Pretória, em 9 de outubro de 1963. Os outros eram Walter Sisulu, Govan Mbeki, Ahmed Kathrada, Denis Goldberg, Raymond Mhlaba, Elias Motsoaledi, Andrew Mlangeni, Rusty Bernstein e James Kantor. O caso tramitou até 20 de outubro, e nesse dia a defesa requereu a anulação do indiciamento dos acusados por mais de 235 atos de sabotagem que supostamente faziam parte de um grande plano de “revolução violenta”.³⁴ A defesa decidira contestar o indiciamento por avaliar que se tratava de “um documento frágil e impreciso” que “tornava impossível discernir” quais eram os crimes apontados e quem os cometera.³⁵ O advogado Joel Joffe escreveu que a equipe de defesa resolvera “deixar claro desde o início para a corte e para a promotoria que não seríamos arrastados pela histeria no país” e que “não abriríamos mão de nenhum dos direitos legais normais”.³⁶

Em 30 de outubro o apelo da defesa teve êxito e todos os acusados — com exceção de Bob Hepple, que teve as acusações retiradas e foi libertado — foram imediatamente levados de volta ao tribunal e julgados sob a acusação de sabotagem. Hepple convencera a promotoria de que deporiam como testemunha do Estado, mas não quis testemunhar contra pessoas que “admirava e respeitava”³⁷, por isso ele e sua esposa, Shirley, fugiram do país.

De volta ao tribunal, um novo indiciamento foi apresentado em 12 de novembro. Em 25 de novembro os 199 atos de sabotagem foram reduzidos a

193, e a defesa apelou novamente para que a acusação fosse anulada. Seu apelo foi rejeitado em 26 de novembro, e a próxima vez em que os acusados se apresentaram no tribunal foi em 3 de dezembro, quando todos os dez se declararam inocentes.

No dia do julgamento, 11 de junho de 1964, Mandela e outros sete foram condenados. Bernstein foi absolvido. Kantor tinha sido absolvido em 4 de março.^[5]



Pouco tempo antes de ter sido levado ao tribunal com seus companheiros para o início do julgamento, que duraria oito meses e ficaria conhecido como Julgamento de Rivonia, Mandela escreveu às autoridades requerendo permissão para mandar um telegrama de aniversário a sua esposa. Assinou “Dalibunga”, o nome que lhe foi atribuído depois de seu ritual tradicional de iniciação masculina. Significa “fundador do Bunga”, o órgão governante tradicional de seu território natal do Transkei (hoje parte da província do Cabo Oriental). Para os tradicionalistas, conforme ele escreveu mais tarde em sua autobiografia Longo caminho para a liberdade, esse nome era mais aceitável que seu prenome Rolihlahla — “encrenqueiro” — ou que o Nelson que lhe foi dado na escola como parte do costume de todas as crianças receberem um nome “cristão”. “Eu ficava orgulhoso ao ouvir esse novo nome pronunciado”, disse ele sobre Dalibunga.³⁸

Ao oficial comandante, Prisão Local de Pretória

[Traduzido do africâner para o inglês]

23 de setembro de 1963

Oficial comandante,
Prisão,
Pretória

No dia 26 deste mês é aniversário da minha esposa.

Por favor tenha a bondade de me dar permissão para enviar a ela o telegrama abaixo.^[6]

“NOBANDLA MANDELA, ORLANDO WEST, 8115

JOANESBURGO

MUITAS FELICIDADES NESTA DATA QUE VENHAM MUITAS OUTRAS QUERIDA MONTANHAS
E MONTANHAS DE AMOR E UM MILHÃO DE BEIJOS
DALIBUNGA”

Nelson Mandela, Pretória

Atenciosamente
[Assinado N R Mandela]
Prisioneiro nº 11657/63

Para o oficial comandante, Prisão Local de Pretória

8 de outubro de 1963

Oficial Comandante

Prisão Local de Pretória

Eu ficaria grato se o senhor fizesse a gentileza de providenciar que meus olhos sejam examinados por um oftalmologista.

Uso óculos desde 1945 e o par que estou usando está aparentemente defasado. Os olhos estão inflamados, e, apesar do tratamento prescrito pelo diretor médico da Prisão, que segui nas últimas três semanas, a situação continua a se deteriorar.

O especialista que examinou anteriormente meus olhos é o DR. HANDELSMAN^[7] de Joanesburgo e eu ficaria grato se o senhor providenciasse para que eu fosse examinado por ele de novo. Devo acrescentar que o oculista de quem eu gostaria de obter os óculos, e que fez todos os anteriores, é o DR. BASMAN, também de Joanesburgo. Há naturalmente a vantagem de um desconto se eu conseguir os óculos dele.

Tenho condições e estou disposto a arcar com os custos do exame e dos óculos, com os meus fundos que estão retidos com o senhor. Devo também mencionar que este pedido está sendo feito por recomendação do diretor médico da Prisão.

[assinado Nelson Mandela]

Prisioneiro nº 11657/63

Para o oficial comandante, Prisão Local de Pretória

25 de outubro de 1963

Oficial comandante

Prisão
PRETÓRIA

Chamo sua atenção para a minha carta de 8 do corrente mês, na qual solicitei que meus olhos fossem examinados por um especialista.

Na referida carta, indiquei que o apelo estava sendo feito por recomendação do diretor médico da Prisão. Devo acrescentar que o estado dos meus olhos está se deteriorando muito rapidamente e preciso lhe pedir que dê ao assunto sua atenção urgente.

Devo acrescentar ainda que estou seriamente em desvantagem na preparação para o próximo processo contra mim, no dia 29 do corrente mês. A referida preparação requer a leitura de numerosos documentos, bem como um bocado de escrita. Julgo tudo isso árduo e perigoso para minha saúde.

Por fim, preciso pedir que me autorize a usar meus próprios trajes para a ocasião da minha apresentação no tribunal no dia 29 do corrente.

[assinado N R Mandela]
Prisioneiro nº 11657/63



A exemplo do que fez no dia anterior ao seu veredito em 1962, Mandela escreveu outra carta de agradecimento no dia de sua condenação por sabotagem. Era, mais uma vez, para um estrangeiro que atuara como observador durante seu processo.

Ele expressou sua gratidão ao sr. Coen Stork, o embaixador holandês na África do Sul, que acompanhara o Julgamento de Rivonia.

A sentença de morte era uma possibilidade muito real, e ele e seus camaradas decidiram que, se ela fosse imposta, não iriam apelar.³⁹

Se estava com medo, ele não o demonstrava. Na verdade, Mandela observou que, quando o juiz Quartus de Wet começou a ler sua sentença, era ele que parecia estar nervoso.⁴⁰

Depois de oito meses de processo, os oito homens foram condenados à prisão perpétua. Mandela já tinha estado na prisão por 678 dias.

Na África do Sul de então, para presos políticos, “perpétua” significava isso mesmo: para sempre. Aos quarenta e cinco anos, Mandela estava prestes a passar na cadeia o resto de seus dias.

Ele só soube o nome da prisão em que ficaria encarcerado quando chegou a ela no início da manhã seguinte.

Para Coen Stork, embaixador da Holanda na África do Sul

11 de junho de 1964

Caro sr. Stork,

Estou lhe escrevendo antes do resultado final deste caso porque, daqui em diante, não me será mais possível fazê-lo.

Meus colegas e eu agradecemos profundamente a inestimável assistência que o senhor nos deu. O interesse pessoal que mostrou no meu caso e o forte apoio que temos recebido de todos os setores da população holandesa nos dão enormes reservas de força e coragem.

Gostaríamos que soubesse que nós o vemos como um de nossos maiores amigos, e estamos certos de que continuará a ser de muita ajuda ao nosso povo em sua luta contra a discriminação racial.

UNGADINWA NANGOMSO. [\[8\]](#)

Atenciosamente
[Assinado NRMandela]

Belonia Bisson
Republic of South Africa
11th June, 1964.

Dear Mr. Clark,

I am writing to you before the final outcome of this case because, thereafter, it will not be feasible for me to do so.

My colleagues and I deeply appreciate the invaluable assistance you have given us. The personal interest you have shown in the case, and the strong support we are receiving from all sections of the Dutch population, give us enormous reserves of strength and courage.

We would like you to know that we regard you as one of our greatest friends, and are sure you will continue to be of assistance to our people in their struggle against racial discrimination.

UNGABINIWA NANGOMSE

Yours very sincerely
M. M. M. M. M.

Carta a Coen Stork, embaixador holandês na África do Sul, 11 de junho de 1964.



PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Cartas da prisão de Nelson Mandela" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).